

Lilian Fontes
Cenas Urbanas

MULHER DE RUA

O vestido era curto, de saia rodada. O salto do sapato de 10centímetros. Na rua tranquila, de poucos passantes, ela passeava com seu cachorro. Parou na primeira árvore: o cachorro com o focinho cheirou o tronco, o canteiro de plantas. Levantou a perna, carimbando um território.

Mais à frente, três operários de uma obra gozavam seu horário de almoço. Tinham comido feijão, arroz e uns pedaços de linguiça trazidos na marmita e estavam deitados num papelão jogado na calçada junto ao muro de uma casa. Um deles acendeu um cigarro.

Ela vinha. Olharam-se. O sorriso maroto de quem conhece este tipo de mulher. Os três deitados no chão deram um jeito de ajeitar melhor a cabeça. A mulher olhou e viu. A mulher segurou firme a coleira, encurtou, puxou o cão para bem junto de seu corpo. De repente, um leve sopro do vento fez com que a saia rodada levantasse abruptamente. Lamberam os beijos. Era o descanso do almoço. E ela passou.

ENCRUZILHADA

Esquina. Um prato de barro com comida. Uma rosa vermelha. A garrafa era de cachaça. Um charutão. As velas estavam acesas.

O homem olha para os lados. Passa um ônibus. Dentro do ônibus a vista corre os passageiros não iriam notar. Passa uma bicicleta, um cara de boné. Ele recua. Duas mulheres vêm de lá, conversando. Ele disfarça, caminha pela calçada. Teria de esperar.

As velas continuavam acesas. Era recente. Ele nem sabia, mas era recente. Salvação ou danação? Proteção ou maldade? Despacho? Para ele pouco importava. Não tinha galo morto. E olhou para os lados. Vinha um casal. Um cara de calça jeans surrada, tênis, um brinco na orelha. Ela também usava jeans. Os cabelos longos. Ele olhou e esperou. O casal passou rindo, falando e rindo.

Olhou de novo para um lado, para o outro. Ninguém. Barulho de ônibus? Verificou. Não vinha nada. Aproximou-se, pegou a cachaça, enfiou dentro do casaco. O charuto cabia no bolso.

Pronto, passaria bem o sábado.

SILÊNCIO

Silêncio. Dizia o cartaz. A moça da foto posicionava o dedo indicador sobre o lábio. Estava de branco. Falava-se baixo. Vestidas de branco, mulheres - a maioria eram mulheres - circulavam pelo corredor. A moça sentada estava de mão dada com uma senhora de cara enrugada, cabelo ralo e branco. A moça de olhos vivos e abertos, a velha estava de olhos fechados.

Pessoas chegando, ocupando os bancos. A moça usava um brinco de argola. A senhora tinha no dedo da mão esquerda duas alianças douradas. Abriram a porta e elas puderam entrar. A moça sentou a senhora na cadeira junto à mesa.

“Como vai a senhora?”, ele perguntou.

Não houve resposta.

“Ela não fala mais”, disse a moça. “Só quer dormir. A gente liga a televisão e ela fecha os olhos e dorme”.

Ele pediu que ela sentasse à mesa de exame. A pressão estava boa, o coração normal. Os pulmões também estavam bem. Examinou o fundo dos olhos. Bateu com o martelo nos joelhos. Ela pouco se movimentou.

“Vou aumentar a medicação”, ele disse.

“E eu, o que posso fazer?”.

“Dê a ela o seu carinho”.

A moça foi conduzindo a velha apoiada em seu braço. Esperaram o elevador. Chegando à rua, caminharam até o parque. As árvores eram grandes, de troncos muito grossos. Sentaram-se num banco. Grãos de milho espalhados pelo chão. A moça segurando com uma de suas mãos a mão da velha e com a outra, ficou alisando suavemente o seu braço. Os pombos ciscavam famintos. A velha gostou de ver os pombos ficando com seus olhos bem abertos. Movimentava a cabeça para cá e para lá, acompanhando o movimento das aves. O sol animado batendo nas alianças douradas refletia uma luz forte, muito forte.

DIA NUBLADO

Dia nublado, cinzento. Foi assim que ele se foi. A rua não estava fechada, os carros circulavam normalmente. Nada se fechara para ele, mas sua sensação era de que as coisas que ele tinha, as coisas que tinha construído, não lhe serviam mais. Casa, cama de casal, mesa, hora do jantar. Asco.

Virou a esquina e chamou um táxi. Colocou a pequena mala sobre o banco. O telefone celular tocou. Era Carlos perguntando como estava. “Acabo de sair de casa”,

respondeu. “Tinha de ser assim, rápido. Angela não esperava, ainda está sem entender”. O motorista estava quieto. “Mas eu preciso mudar, minha vida não pode ser só isso”. O motorista continuava quieto. “Não sei, Carlos, não sei. Não tem mulher na estória, juro. Eu preciso sair desta vida. O que eu quero eu não sei”.

O motorista fez a curva enquanto ele finalizava o telefonema. “Desculpe me intrometer”, disse o motorista, “mas ontem eu voltei para casa. Fiz assim como o senhor, não quis mais, de repente. Fui para a casa de um amigo. Fiquei lá seis meses. Fiz nada não, mulher também não tinha. Quis mesmo foi ficar sozinho, sair sozinho. Comer minha linguiça no bar do Janjão, torcer pro meu time no Maracanã, olhar uns brotos, beber todas as cervejas que tinha vontade, ir aos meus filmes sem ter de perguntar nada a ninguém. Eu ontem voltei, quis mais a minha mulher. Minha parceira.”

O motorista fez outra curva. O dia continuava cinzento. A mala sobre o banco. E a cidade ali, pronta para abarcar qualquer sonho.

Lilian Fontes, nasceu no Rio de Janeiro, estreou em 1991, com a publicação do livro de contos, *Escrita Fina* (Livraria Taurus-Timbre Editora), ao qual se seguiram o romance, *Espantelhos* (Relume- Dumará, 1994), e *Santo Dia* (Editora Record, 2002). Em 2011, publicou três novos livros: o romance *De olhos bem abertos*, Editora Record, *ABC de Rachel de Queiroz*, pela Editora José Olympio e *Redentor de Braços Abertos*, Réptil Editora. Em 1992, Lilian Fontes participou da coletânea *Copacabana, Cidade Eterna- 100 anos de um mito*, com o conto *Areias de Copacabana*, organizada por Wilson Coutinho.

Em 1997, concluiu o mestrado na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e em 2009, defendeu tese de doutorado nessa mesma escola.

Em 2003, participou da coleção *Cantos do Rio*, com livro sobre o bairro de *Santa Teresa*. Com cursos em roteiro, colaborou com Rubem Fonseca na adaptação para roteiro do conto *O Cobrador*, em 1986.

Em 1999, elaborou o primeiro tratamento de longa-metragem inédito para o produtor Joaquim Vaz de Carvalho e, nesse mesmo ano, colaborou com a diretora Helena Martinho da Rocha na elaboração de seu primeiro longa-metragem.

Em 2010, começou seu pós-doutorado na UFRJ com apoio da FAPERJ, com projeto sobre ficção televisiva.